

# ERA VITORIANA: VOZES DE E EM JANE EYRE<sup>1</sup>

Julia Graziela Rosa<sup>2</sup>

Orientadora: Profª. Ms. Josiane Aparecida Franzó<sup>3</sup>

**Resumo:** Este breve trabalho tem como objeto de estudo a obra de Charlotte Brontë, *Jane Eyre*, publicado em 1847. Esta obra conquistou um espaço de extrema importância na literatura inglesa, principalmente pelo fato de apresentar, implicitamente, a questão de gênero. Brontë utilizou-se de seus personagens como meio de criticar o papel da mulher na sociedade vitoriana, sociedade esta baseada em um sistema estritamente patriarcal. O objetivo deste estudo é analisar os personagens que envolvem esta questão, sendo elas femininas ou masculinas, pois, no decorrer deste trabalho será possível notar que os personagens masculinos também contribuem de forma direta para a construção do conceito de mulher nesta sociedade. Notar-se-á também, até o fim deste estudo, que algumas das personagens são construídas com características feministas, ou antifeministas. A protagonista, Jane Eyre é a base desta discussão, entretanto, por ser influenciada de diversas maneiras por outras personagens, ela dividirá o foco desta discussão com estas.

**Palavras-chave:** Jane Eyre; Sociedade vitoriana; Mulher.

## INTRODUÇÃO

A situação das mulheres na sociedade sempre foi um algo complexo. Há muito tempo as mulheres são tratadas de forma desigual perante os homens e ocupam um lugar de rebaixamento na sociedade. Este problema também fez parte da época vitoriana, na qual Charlotte Brontë escreveu o romance *Jane Eyre*.

*Jane Eyre* teve um grande impacto perante esta sociedade visto que colocou este tema tão polêmico em foco. Esta obra baseia-se na vida de Jane, uma jovem independente e com um forte espírito feminista que se depara com diversas dificuldades para só então atingir seu destino, o de mulher independente.

A justificativa deste breve estudo está evidenciada na situação das personagens femininas dentro da sociedade vitoriana, levando-se em consideração que a obra busca retratar, ainda que em recortes, a situação das mulheres desta época.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob forma de artigo científico, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Curso de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); setembro 2011.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Curso de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); 2011.

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); 2011.

Este trabalho tem como objetivo analisar algumas personagens femininas, bem como dois personagens masculinos que contribuem diretamente com a formação da protagonista dessa obra, Jane Eyre. As personagens que abordaremos aqui, apesar de distintas, em algum momento entraram em conflito com a questão de gênero.

## 1. FEMINISMO E FEMININO

O conceito de feminismo é bastante complexo, visto que não se trata apenas da defesa dos direitos das mulheres, mas também pode ser interpretado como um movimento político que teve como principal objetivo abolir a opressão imposta às mulheres. Este movimento impulsionou diversos estudos que procuravam identificar as fontes das desigualdades associadas ao sexo/gênero assim como a melhor forma de combatê-las, conforme afirma NOGUEIRA (2001, p. 8)

O termo “feminino” por sua vez leva em consideração não só o sexo, mas também as diferenças sociais do homem e da mulher. Já o “feminismo” trata de um termo utilizado por pessoas, tanto homens quanto mulheres, que visavam defender as mulheres e seus direitos oprimidos, pois conforme diz MUZART:

Atribui-se a Charles Fourier (1772-1837) a paternidade do vocábulo “feminismo”, que se tornou corrente na prática política e social no final do séc. XIX e, algumas vezes, designa a doutrina, porém, mais freqüentemente, a luta que visava a estender à mulher a igualdade de direitos (políticos, civis, econômicos) privilégio exclusivo do homem, na sociedade. (MUZART, 2001, p. 14).

Portanto, não se pode confundir feminino com feminismo, pois são termos bastante distintos. Para XAVIER (1991, p. 11) o termo “feminino” carrega uma carga semântica mistificadora, pois tem sido visto como um sinônimo delicado, superficial e sentimentalóide. O termo “feminismo” por outro lado é considerado bastante forte e que remete a um movimento em busca de igualdade entre os sexos. Assim, entende-se que o termo “feminino” vem sendo associado a um ponto de vista e a uma temática retrógrada, o termo “feminista” de cunho político mais amplo, em geral é visto de forma reducionista, só no plano das ciências sociais, conforme SANTOS (2002, p. 17).

Segundo COLLIN (2001, p. 8), o feminismo tem uma história de cerca de dois séculos e tem como objetivo principal a constituição de espaços iguais entre homens e mulheres, levando em consideração as teorias da igualdade.

Na História, as mulheres sempre ocuparam um papel demasiadamente inferior na sociedade. Um exemplo deste papel de inferioridade pode ser encontrado tanto na Grécia quanto em Roma, quando as mulheres destas sociedades não eram detentoras da cidadania, e portanto, não possuíam direito ao voto. Além disso, essa mesma situação de subordinação feminina ao sexo masculino é relatada também em diversos códigos religiosos como, por exemplo, no Alcorão, além de estar presente em várias partes da Bíblia.

Houve ocasiões em que as mulheres chegaram a ser perseguidas intensamente pela sociedade, como por exemplo, no período da Inquisição, quando a Igreja Católica promoveu uma “caça às bruxas”. Esta “caça” foi liderada pela Igreja contra as mulheres que eram acusadas de feitiçaria por possuírem sabedoria sobre ervas ou curandeirismo. Segundo MONTEIRO & LEAL (1998, p. 10), dados do Instituto Teotônio Vilela mostram que as *“estatísticas registram que, para cada dez mulheres queimadas, matava-se um homem. Há referências de que, em determinadas regiões, no século XIV, em um único dia, 3.000 mulheres foram executadas”*. Nesta perspectiva e de acordo com esses dados é possível dizer que neste período da história da humanidade houve um massacre, um genocídio do sexo feminino.

Socialmente falando, as mulheres dos séculos passados eram tratadas como mercadorias que os homens, sobre as quais, pais ou maridos tinham posse. Algumas eram muitas vezes vendidas e até mesmo maltratadas. A elas cabiam apenas as tarefas domésticas, bem como a criação dos filhos. Não podiam estudar, trabalhar, votar e muito menos ter voz ativa dentro da sociedade na qual viviam. Todavia, parte dessas mulheres não aceitava pacificamente ser singular ao homem e questionavam um lugar no ambiente social porque conforme defende KAMITA:

Nem todas nasceram para o bordado e para o crochê e aspiravam a mais em suas vidas. Ser dona de casa ou a rainha do lar – títulos apaziguadores para os ânimos mais exaltados – não tinha significação para algumas mulheres que preferiam serem verdadeiramente donas e poder gerenciar seus bens, assim como rainhas de outros reinos(...). (KAMITA, 2005, p. 87).

É certo que as mulheres permaneceram por muito tempo adormecidas nessa situação, e é possível dizer que muitas continuam até os dias de hoje, seja por questões culturais ou por diversos outros motivos. Mas algumas sempre estiveram atentas e inconformadas com essa situação de desigualdade, e uma parte dessas mulheres se levantou diante da sociedade para defender os seus direitos. Muitos dos feministas, tanto homens que defendiam o sexo oposto,

quanto mulheres que visavam defender a si mesmas e a suas semelhantes, foram responsáveis pelos direitos adquiridos pelas mulheres nos dias atuais.

Para ilustrar, segundo KAMITA (2005, p. 88-89) pode-se citar Olympe de Gouges, feminista que defendia suas ideias através da oratória, embora achasse importante manter registros escritos dessas ideias e assim escreveu diversas peças teatrais e manifestos políticos. Durante a Revolução Francesa foi promulgado a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, a qual defendia somente os direitos dos homens. Não concordando com isso, Gouges publicou em 1791 a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* na qual ela defendia garantias ao sexo feminino. Por esse feito foi julgada e condenada à guilhotina.

Outro marco na história do feminismo foi *A vindication of the rights of women* publicado em 1792 por Mary Wollstonecraft. Nesta obra a autora condena a educação destinada às meninas da época, as quais eram ensinadas a serem superficiais e fúteis e a terem como único propósito servir a seus maridos. Wollstonecraft defendia a educação igualitária, tanto para os meninos quanto para as meninas.

No Brasil, Nísia Floresta publicou *Direitos das Mulheres e injustiça dos homens*, que se acreditava ser uma livre tradução do livro de Wollstonecraft. Segundo KAMITA (2005, p. 89), Floresta pensava da mesma forma que Mary Wollstonecraft e assim defendia as mesmas ideias destas, dentre as quais a de que a educação seria a arma que as mulheres poderiam se valer para vencer a luta contra a opressão a elas imposta.

Ainda conforme KAMITA (2005, p. 89), essas precursoras feministas serviram de incentivo e exemplo para as demais mulheres, e a partir de então, muitas reagiram ao tratamento que recebiam da sociedade passando a reivindicar seus direitos. Em meados do século XVIII, as mulheres americanas engajaram-se na luta contra a escravidão, já que se assemelhavam aos escravos, em relação a direitos, pois eram obrigadas a cumprir apenas os papéis a elas destinados. Por outro lado, no Brasil, país fortemente estruturado no sistema patriarcal, há um marco na História por ser uma mulher a assinar a Lei Áurea em 1888, a qual abolia a escravidão em território brasileiro.

Com o passar do tempo o sexo feminino obteve várias conquistas, principalmente no âmbito legislativo onde conseguiram direitos como o voto, licença maternidade, além da atualíssima *Lei Maria da Penha*, recentemente aprovada no Brasil, e que foi outra vitória na busca à erradicação da violência contra o sexo feminino.

Contudo, ainda que a mulher tenha conquistado seu lugar na sociedade, ainda existe um longo caminho pela frente. Por mais absurdo que pareça atualmente muitas continuam a

ser submissas como há séculos atrás e ainda existem muitos direitos femininos que continuam a ser negados por uma sociedade ainda estreitamente ligada ao sistema patriarcal.

## 2. A OBRA

Há uma dificuldade em classificar este romance, pois o mesmo tem características da literatura gótica como presságios, eventos sobrenaturais ou inexplicáveis e uma atmosfera de mistério. A obra também possui características do Romantismo como o amor proibido, dúvidas sobre amor correspondido, obstáculos amorosos e personagem byroniana. E, de acordo com LIMA, *Jane Eyre* pode ser considerado um romance dramático, pois:

(...) não podemos deixar de afirmar que *Jane Eyre* é um romance dramático e trágico. Isto é ainda mais evidente se pensarmos nos elementos definidores de um romance dramático, de acordo com a proposta de Muir. O cenário, constituído por algumas poucas localidades, porém bem definidas (Gateshead Hall, Lowood School, Thornfield Hall, Moor House, Ferndean), é estratégico para a atuação de paixões humanas universais – amor, raiva, amizade, honra, vergonha, culpa, orgulho, ambição, entre outras. (LIMA, 2008, p. 201 - 202).

Num tempo em que a literatura era restrita aos homens e mulheres não podiam ter uma vida profissional, muito menos ser independentes. Charlotte Brontë publica uma obra cheia de questões polêmicas. O feminismo, por exemplo, é um dos assuntos principais em *Jane Eyre*. A autora inova na literatura da época ao dar vida a personagens femininas tão fortes e ousadas, personagens masculinos muitas vezes fracos e dependentes, além de fazer críticas ao papel da mulher na sociedade daquele período, pois, nas palavras de ROCHA (2008, p. 15):

Ao focar tão direta e explicitamente o embate de forças entre os ideais do masculino e, principalmente, do feminino, Charlotte Brontë possibilita que o paralelismo vigente no século XIX entre sexo e gênero e a crença em uma suposta essência do feminino capaz de justificar uma postura submissa da mulher sejam não apenas examinados, como também questionados em alguns de seus pressupostos básicos. (ROCHA, 2008, p. 15).

Ciente da época em que foi publicado e da situação do sexo feminino, é fácil entender o motivo de tamanho escândalo entre os leitores dessa obra. *Jane Eyre* faz diversas críticas à sociedade patriarcal que rebaixa a mulher a uma posição de submissão. Além disso, Brontë introduz temas complexos como diferenças entre classes sociais e religião. Para Marcos Santarrita, *Jane Eyre* é:

(...) uma narrativa simples, direta — a história de uma jovem órfã pobre e nada bonita (como a própria Charlotte, que por pouco não chegava a ser feia), e sua luta em busca de afirmação e dignidade, numa época - a vitoriana — e num país - a Inglaterra de até hoje — onde o sentimento de classe se ergue como uma barreira imposta não apenas de cima para baixo, mas também de baixo para cima. (SANTARRITA, 1983)

Várias personagens nesta obra têm apresentamos elementos feministas. Algumas dessas são fortes, decididas, ousadas e independentes. Enquanto outras são o oposto do que prega o feminismo, pois apresentam um caráter fútil e de submissão. E ainda há aquelas que apesar de serem do sexo masculino possuem certas características ou tomam atitudes que exaltam ou contradizem o feminismo.

### 3. JANE E O ESPAÇO

*Jane Eyre* é a protagonista desse romance e é quem guia a trama. Como seu próprio nome sugere, ela inicia o romance “*invisível como o ar, herdeira do nada, secretamente asfixiando-se com ira*”, conforme GILBERT & GUBAR (1978, p. 49). Neste sentido, pode-se comparar a pronúncia de “Eyre” com *air* e *ire*, ou seja, seu próprio nome já descreve a personagem já que a tradução de *air* seria “ar” e *ire* seria “ira.

Para analisar Jane dividiremos as suas fases de acordo com os espaços em que residiu já que a personagem passa por alterações em cada local em que habita. Como afirma GORDON (1997, p. 89): “*As Jane moves from place to place, the pattern of her life emerges. She is oscillating between the dangers of passion and restraint*”.

#### 3.1 GATERSHEAD HALL

*Gateshead Hall* é onde Jane foi criada por seus parentes, podendo ser considerado, de acordo com GORDON (1997, p. 89), como o portão pelo qual ela inicia sua jornada já que o próprio nome contém a palavra “*gate*” que significa portão em português.

É evidente o simbolismo encontrado na casa em *Gateshead*. Jane descreve o quarto vermelho no qual passou seus dias como um local frio e majestoso que, segundo suas próprias palavras, “*nenhum cárcere seria mais seguro*”, embora tal aposento lhe causasse medo, pois era o local em que Mr. Reed, seu tio, morrera. Este quarto, de acordo com GILBERT & GUBART (1978, p. 49), representa a sua visão da sociedade na qual ela esta presa. Além disso, este cômodo é predominantemente patriarcal:

For the red-room, stately, chilly, swathed in rich crimson, with a great white bed and an easy chair 'like a pale throne' looming out of the scarlet darkness, perfectly represents her vision of the society in which she is trapped, an uneasy and elfin dependent. 'No jail was ever more secure,' she tells us. And no jail, we soon learn, was ever more terrifying either, because this is the room where Mr Reed, the only 'father' Jane has ever had, 'breathed his last.' It is, in other words, a kind of patriarchal death chamber (...). (GILBERT & GUBAR, 1978, p. 47).

Jane, apesar de fazer parte da família legalmente, não era considerada como tal. Sofre humilhações por parte do seu primo e é severamente castigada pela tia. Neste primeiro espaço, a protagonista passa por assédios, tanto físicos quanto morais. Ela não aceita o que lhe é imposto e é considerada uma criança rebelde por não agir como uma “*criancinha feliz e contente*” conforme a análise de GILBERT & GUBART (1978, p. 47).

### 3.2 LOWOOD

Já na escola *Lowood*, conforme o próprio nome sugere *low* cuja tradução é “baixo”, é um local onde a temperatura é muito baixa e as crianças não têm quase nenhuma fonte de calor já que até os cobertores eram racionados. Também nota-se que há uma frieza no tratamento das meninas, mesmo a maioria sendo órfãs, eram tratadas sem nenhuma forma de carinho.

Neste espaço Jane passa por um processo de castração psicológica. Ela é rebelde e acredita em seus princípios, se recusa diversas vezes a aceitar o que lhe é imposto e por esse motivo é punida duramente. Aqui ela experiencia também a privação de coisas básicas para a sobrevivência, como alimentação por exemplo.

A escola *Lowood* é uma escola que preparava meninas de acordo com os princípios da sociedade patriarcal da época, ou seja, prepara as meninas para serem submissas. Ao ter contato com Helen Burns e Miss Temple, Jane aprende que há momentos de se calar - quando convier, além de tentar compreender o lado das pessoas que a castigam injustamente.

O que se deve consideração a respeito de *Lowood* é que apesar do sofrimento passado por Jane nesse local, ela teve a possibilidade de preparar-se profissionalmente e psicologicamente para enfrentar as dificuldades que viriam a surgir mais tarde.

### 3.3 THORNFIELD HALL

O próximo local onde Jane habita é *Thornfield*. Conforme GILBERT & GUBART (1978), a arquitetura de *Thornfield*, os longos corredores e os quartos trancados simbolizam as situações pelas quais Jane passará durante sua estadia ali.

Há no romance o jogo de palavras que faz referência ao espaço e aos sentimentos da protagonista. A tradução de *Thornfield* é “campo de espinhos”. Da mesma forma que o nome da casa transmite o sentimento de sofrimento, Jane também sofrerá muito ao vivenciar diversas situações de provações. É possível notar que nesse espaço Jane sofre muito pela dúvida do amor correspondido e depois por descobrir o impedimento de matrimônio com Rochester, porque conforme as palavras de GORDON (1997, p. 93): “*Thornfield exposes Jane to a thorny path – when she tries to suppress her longing for a response to her love, and later when she must face up to the perversion of passion in Rochester’s past(...)*”.

Jane trabalha como governanta, portanto ocupa uma classe social inferior a de Rochester. Porém, sua classe não se iguala às outras serviçais da casa já que ela possui um grau mais elevado de educação que as demais serviçais. Dessa forma, Jane passa a não ter lugar nesta sociedade que era distribuída basicamente em duas classes apenas.

Ela se depara com um falso sentimento de segurança ao encontrar um lar e receber uma proposta de casamento do Sr. Rochester. Todavia, ao descobrir a existência de Bertha Mason, a esposa louca de Rochester, parte em fuga e se vê completamente sem saída.

Vale lembrar que Jane tem a oportunidade de aceitar a situação de Rochester - o que seria teoricamente mais fácil para ela, porém, a moça recusa tal condição por considerar que isto iria contra seus princípios:

Eu velo por mim. Quanto mais abandonada, quanto mais sem amigos, quanto mais desamparada estiver, mais devo me respeitar. Sustentarei a lei deixada por Deus e sancionada pelo Homem. Sustentarei os princípios que aprendi quando era sã, e não doida como agora. Leis e princípios não foram feitos para as horas isentas de tentação: foram criados para momentos como este, em que o corpo e a alma se insurgem contra o seu rigor. São severos, devem ser invioláveis. Se pela minha conveniência pessoal eu os pudesse derogar, que seria da sua dignidade? Sim, porque leis e princípios têm uma dignidade — como sempre acreditei. E se agora hesito em cumpri-los é porque estou alucinada — quase louca, as veias em fogo e o coração batendo tanto que não lhe posso contar as pulsações. Os preconceitos, os ditames antigos, são tudo o que eu tenho para me amparar neste instante. Neles me apoiarei. (BRONTË, 2008, p. 197)

Nesse momento de virada em sua vida ela passa por diversas dificuldades como fome, frio e fraqueza. De acordo com GEASON (1997, p. 89), está cena é um pivô, pois aqui

Jane vive o pior pesadelo de toda mulher desprotegida: não possuir um lar. Por outro lado, psicologicamente Jane mostra-se forte e decidida, pois mesmo diante de todas as dificuldades, nem pensa em retornar a *Thornfield* e aceitar a proposta de amasiar-se com Rochester.

### 3.4 MARSH END E MOOR HOUSE

Ao chegar à *Marsh End*, Jane se depara com a família de St. John Rivers, a qual lhe acolhe prontamente. Aqui Jane deixa de lado seu orgulho e experimenta o sentimento de humildade, uma vez que, devido ao seu estado de saúde, necessita de ajuda.

Após se recuperar, ela é dominada pelo sentimento de religiosidade e devoção de St. John e muda-se para *Moor House* para doar seu tempo para a caridade exercendo a função de professora.

Mais tarde, recebe a proposta de St. John de abdicar de tudo e seguir numa peregrinação religiosa com ele, mas Jane não consegue livrar-se das lembranças de Rochester, que por sua vez busca incansavelmente por ela. Ela então descobre que tem laços familiares com St. John e as irmãs e que seu tio havia deixado uma herança para ela.

Com essa herança Jane tem a oportunidade de ser solidária com seus primos e retribuir a ajuda que recebeu quando tanto precisou, dividindo em partes iguais entre eles tudo que herdara.

Após a proposta de casamento - por interesse religioso, de St. John, Jane sente a necessidade de tomar uma decisão definitiva em sua vida. Escolher um relacionamento passional com seu grande amor ou ceder à pressão de St. John. Agora, em outro nível social e financeira, e sentindo-se, de certo modo, em outra posição, Jane vai atrás de Rochester.

Ao retornar à *Thornfield* Jane se depara com uma situação totalmente diferente daquela que havia deixado há tempos atrás. Edward ficou cego e teve uma mão amputada ao sofrer um acidente quando tentava salvar Bertha, que se suicidou atirando-se da janela da casa em chamas.

Neste momento Rochester, além de desimpedido, está frágil e dependente, e isso significa que Jane passa a ocupar uma posição acima da dele, tanto financeiramente quanto fisicamente.

## 4. JANE E ELAS

### 4.1 BERTHA ANTOINETTA MASON ROCHESTER

A personagem Bertha, que é descrita por Rochester como um monstro, tem um papel bastante significativo, pois ela traz tensão à trama. Quando é revelada a sua existência, esta se torna um empecilho entre Jane e o Sr. Rochester, pois isso impede a união de ambos.

De acordo com GEASON (1997, p. 23), esta personagem é o teste mais difícil enfrentado por Jane, além disso, conforme FELSKI (2003, p. 67), esta personagem pode ser vista como um eco da mulher da época. Apesar de estarem presas de modos diferentes, tanto Bertha quanto as mulheres vitorianas tinham o mesmo sentimento de privação. Ela está presa ao seu marido e a sua casa do mesmo modo que as mulheres vitorianas sentiam-se presas em seus lares, já que esse local era considerado um forte patriarcal que anulava as mulheres, conforme pode-se observar abaixo:

The madwoman locked up in the attic was both an echo and a grotesque parody of the victorian middle-class woman fettered by femininity and trapped in the suffocating confines of the drawing room. The home was a patriarchal cating confines of the torment that disabled and often destroyed its female captives. (FELSKI, 2003, p. 67)

Felski vai mais além ao dizer que *“to be a female in the nineteenth century was to be assigned to the status of domestic slave, to belong to an entire class of defeated, or even destroyed woman”* (FELSKI, 2003, p. 67). Neste contexto é possível dizer que algumas mulheres, naquela época, eram consideradas derrotadas, destruídas e escravas domésticas.

A sexualidade de Bertha, trazida para dentro da obra, é bem significativa, pois conforme RAPHAEL (1997, p. 197) *“the sexuality of woman was negated in Charlotte Brontë’s time, or was seen as “mad” and “insatiable”, as Rochester characterizes Bertha Mason”*. Ou seja, a sexualidade feminina no tempo em que a obra foi produzida era negada ou vista como loucura e insanidade da mesma forma em que Rochester descreve sua esposa: uma louca, descontrolada.

Bertha é usada como instrumento de comparação. Nota-se que o Sr. Rochester a compara constantemente com Jane, mostrando como ambas possuem personalidades opostas. Jane é doce e bondosa enquanto Bertha é selvagem e perversa. Fisicamente Jane é delicada e frágil enquanto Bertha é grande e forte. Por outro lado, Jane e Bertha vivem situações parecidas, pois ambas vivem em um mundo marginal e não tinham lugar em uma sociedade baseada em valores pré-estabelecidos.

Bertha, diferente de Jane, mostra seu lado violento em ataques noturnos a outros dentro da casa. Aqui, pode-se notar o lado selvagem da personagem, que é muitas vezes comparada com um animal e age como tal. A própria Jane diz que Bertha parece com uma criatura “sobrenatural” ou “possuída”. Já Jane, por sua vez, é uma pessoa contida e calma. Assim, é possível entender Bertha como o complemento de Jane já que ela faz o que Jane não pode fazer, e, devido às regras impostas pela sociedade e a sua sanidade, ela se cala “*But on a figurative and psychological level it seems suspiciously clear that the specter of Bertha is still another – indeed the most threatening – avatar of Jane. What Bertha now does, for instance, is what Jane wants to do* (GILBERT & GUBART, 1978, p. 61)

Ou seja, Bertha pode ser considerada a metade obscura de Jane, a metade que aflorou em sua infância e que Jane tenta reprimir nesse momento, porque conforme GILBERT & GUBART (1978, p. 61): “*Bertha, in other words, is Jane’s truest and darkest double: she is the angry aspect of the orphan child, the ferocious secret self Jane has been trying to repress ever since her days at Gateshead*”.

#### 4.2 HELEN BURNS

LIMA (2008, p. 143) afirma que “*enquanto Jane questiona as regras e as condutas em Lowood, Helen estabelece para si uma crença particular, uma fé religiosa devotada a um Deus generoso, que perdoa todas as criaturas*”. Sendo assim, Helen tem como principal propósito em sua vida a religião. Ela é totalmente devota a Deus e tem os mesmos princípios que Jane, mas é passiva e aceita o que lhe é imposto, inclusive os castigos muitas vezes injustos.

De acordo com ROCHA (2008, p. 125), o papel de Helen, além de discutir o tema religião, é também o de mostrar o papel da mulher na sociedade vitoriana, pois:

(...) mais do que focar na religião, Helen parece sinalizar para Jane, ainda que sutilmente, a carga de opressão e subjugação imputada às mulheres na sociedade, principalmente quando, discutindo o que Jane considera injustiças no tratamento com as internas, verbaliza que Jane precisa aprender a ver-se numa posição servil, pois esse será seu destino (...)

Jane então aprende, com as longas conversas com Helen, em como adaptar-se na escola com mais facilidade. Ela mostra como Jane deve olhar o lado da pessoa que a julga, bem como também aceitar os castigos, mesmo quando estes são injustificáveis e injustos. Nota-se em Helen um sentimento de penitência, pois ela acredita sempre estar errada:

Então aprenda comigo: não julgue pelas aparências. Sou mesmo, como Miss Scatcherd disse, muito desmazelada. Raramente ponho as coisas em ordem. E não as conservo nunca. Sou descuidada. Esqueço o regulamento, leio quando devia estar estudando as lições, não tenho método e, algumas vezes, como você, digo que não posso tolerar ser objeto de advertências sistemáticas. Isto tudo irrita Miss Scatcherd, que de natural é muito asseada, pontual e distinta. (BRONTË, 2008, p. 39)

Da relação com Helen Jane aprenderá a controlar seus sentimentos e não agir por impulso, o que virá a ajudá-la mais tarde durante os momentos em que passará por situações extremamente difíceis.

#### 4.3 MARIA TEMPLE

Sra. Temple é a professora de Jane na escola *Lowood*. Conforme o próprio nome sugere, *Temple* significa “templo” em português, ou seja, lugar de adoração e segurança. Ela protege sua pupila e é uma espécie de modelo de dama para a pequena Jane, pois é uma mulher culta, educada, com uma profissão e principalmente, independente.

Miss Temple suaviza as provações pelas quais Jane passa durante o tempo em que fica na escola de *Lowood*. Dessa forma, a protagonista não chega a tornar-se uma adulta traumatizada e consegue absorver o lado bom da escola: a educação.

Ela influencia diretamente na construção do caráter de Jane, ao repassar a esta, seus conhecimentos e princípios de mulher independente, o que na época era uma raridade. Jane retém muitos dos ensinamentos de sua mentora, o que a ajuda a enfrentar as dificuldades da vida, além de facilitar sua adaptação na escola.

Com o tempo Jane muda seu comportamento quando aprende a conter seus sentimentos, conforme os ensinamentos de Miss Temple e Helen. Para LIMA (2008, p. 144), é através do contato com elas que Jane também aprende a lidar com o sofrimento de modo mais tolerante. Desse modo ela passa a aceitar com menos dificuldade as limitações que a sociedade impõe ao seu sexo e também o sofrimento na esfera amorosa de sua vida:

Eu tinha aprendido alguma coisa do seu gênio e muito dos seus hábitos. Pensava mais harmoniosamente. Parecia-me que idéias mais sensatas povoavam o meu cérebro. Imolava-me ao dever à ordem. Vivia tranqüila e acho que contente: aos olhos dos outros, mais do que aos meus próprios, era um caráter domado e contido. (BRONTË, 2008, p. 55)

Embora Jane aparente tranqüilidade e contentamento perante os olhos dos outros, por dentro não se sente desta forma. Ela sente-se infeliz por não poder demonstrar seus

sentimentos reais, já que precisa contê-los para que possa ter uma convivência harmoniosa dentro da escola de *Lowood*, conseqüentemente dentro da sociedade em que estava inserida.

Entretanto, Miss Temple, apesar de ser uma mulher de princípios feministas, mostra a Jane que as regras da sociedade sempre vencem. Tanto é assim que casa-se e deixa a escola de *Lowood*, abandonando sua profissão e assinando, assim, seu atestado de passividade como a maioria das mulheres da época vitoriana.

## 5. JANE E ELES

Na época em que *Jane Eyre* foi publicado, as mulheres, como já citado anteriormente, eram rebaixadas perante a sociedade. A instituição do casamento era um assunto de extrema importância para as jovens, especialmente para aquelas com pouca ou nenhuma condição financeira, pois ainda que o casamento as anulasse, continuava a ser um bom negócio para a família e para elas, já que passariam a viver a vida de seus maridos e conseqüentemente, possuir uma vida de estabilidade econômica. Segundo GEASON (1997, p. 6) “*Marriage was an imperative in Jane’s day, particularly for women without means. Jane, who had never enjoyed the comforts of a settled domestic life, had the orphan’s hunger for safety and security*”.

Neste sentido, Jane é às avessas das moças da época. Ela é uma jovem determinada, uma fortaleza na vida dos homens com quem se relaciona. Tanto Rochester quanto St. John Rivers dependem dela de alguma forma, em algum momento.

### 5.1. EDWARD FAIRFAX ROCHESTER

De acordo com GILBERT & GUBAR (1978), a primeira cena em que Jane conhece Rochester é uma cena digna de um conto de fadas não fosse o fato de o príncipe cair de seu cavalo e machucar-se. Edward então precisa da ajuda de Jane, o que foge claramente às características dos romances da época, nos quais as mocinhas eram sempre frágeis e os mocinhos bonitos, fortes e cavalheiros. Nesta cena Rochester pede a ajuda de Jane que coloca seu corpo para servir de apoio a ele até sua casa, mostrando-se assim, fisicamente mais resistente que ele, mesmo sendo uma mulher.

Jane sentiu-se amedrontada quando o viu, pois lembrou-se do espírito chamado "Gytrash", “*que em forma de cavalo, burro ou canzarrão, freqüentava os caminhos desertos e algumas vezes aparecia aos viajantes retardatários*” (BRONTË, p. 72). Já no ponto de vista

de Rochester, Jane havia enfeitado seu cavalo e por esse motivo o animal se assustara e ambos caíram ao chão. Neste momento da narrativa, tanto Jane quanto Rochester sentiam-se inseguros um com a presença do outro e assim a relação dos dois inicia-se em pé de igualdade.

A diferença de cerca de duas décadas de idade entre Jane e Rochester pode ter sido uma situação bastante complexa para as leitoras da época, ainda mais pelo fato de Jane ser uma serviçal na casa de Edward, colocando também em pauta a questão da diferença social entre eles. Estas diferenças seriam suficientes para haver um abismo entre os dois perante a sociedade, mas na obra de Brontë isso não foi o suficiente para separá-los, já que no final do romance tornaram-se iguais. Vale ressaltar que Jane muitas vezes chega a ser melhor que Rochester, pois conforme afirma GEASON (1997, p. 20) *“The idealization by the girl of the older man, master, father, safe and unsafe, exciting, forbidden, belonging to another but ultimately the woman’s own- the other is defeated, the father is no longer master, but the partner of love”*.

Assim como Jane, Rochester passa por transformações durante a trama. A princípio é um homem rude, sem aparentes sentimentos, amargo e solitário, contudo, após ter contato com Jane, passa a ser um homem doce, apaixonado e humilde. Para GEASON (1997, p. 86) *“Rochester occupies an ambiguous position. In part he represents the tradicional man who constructs “woman” as opposite and alien, a defective “other” to be shut away if he is to assert his autonomous existence”*.

Além de Jane mostrar-se forte fisicamente em cenas como quando Bertha coloca fogo na cama de Edward ou quando ajuda Rochester a cuidar de Richard Mason, irmão de Bertha, que fora ferido também por Bertha, ela mostra-se psicologicamente mais forte ou igual a Rochester como quando este promove uma festa, veste-se de cigana e engana a todos, menos a ela.

Ainda em relação a sua superioridade, Jane, além de se mostrar fisicamente e psicologicamente forte - como já dito acima, mostra-se também moralmente maior que Rochester. Já que ele, além de ter tido um romance imoral com a mãe de Adèle, também casou-se com Bertha por dinheiro e sexo. Fora o fato de que tenta burlar as leis da sociedade ao tentar casar-se com Jane. Ela, apesar de ter sido enganada por ele, tem a consciência limpa e mantém seus princípios imaculados, portanto passa a ser superior a ele neste momento.

## 5.2 ST. JOHN RIVERS

St. John Rivers é um pastor em *Moor House* que dedica sua vida aos trabalhos comunitários da paróquia e depois da morte de seu pai, assume o papel de homem da casa. Rivers salva a vida de Jane, que ao fugir de *Thornfield Hall* passa por diversas dificuldades e está fisicamente fragilizada. Ele oferece-lhe abrigo e a emprega em sua paróquia, como professora. Mais tarde Jane descobre que ele e suas duas irmãs são, na verdade, seus primos.

Para LIMA (2008, p. 188), o nome *Rivers*, cuja tradução para o português é “rios”, está associado com água e limpeza. Também é um nome forte e tradicionalmente patriarcal, que lembra a abstração masculina para com o evangelho e misoginia disfarçada de São João Batista, cujo desprezo patrística e evangélicos para a carne se manifestou mais poderosamente em um profundo desprezo para o feminino, porque conforme GILBERT & GUBAR (1978, p. 64).

Este personagem aflora a religiosidade e o sentimento de penitência em Jane já que ele mesmo abdicou de seu grande amor, Rosamond Oliver, para doar-se completamente à religião e espera que Jane faça o mesmo com relação a Rochester.

Ele propõe que Jane o siga em uma missão para a Índia e, de acordo com as convenções da sociedade, para que isso possa se concretizar, devem se casar, embora, em momento algum St. John Rivers ofereça a Jane um amor verdadeiro. Isso dá-se porque esse espera apenas a ajuda de Jane em sua missão, conforme ele mesmo diz:

Não foi ao egoísmo, mas ao altruísmo, que você veio destinada: você foi feita para o trabalho, não para o amor. Pode, deve ser esposa de um missionário. Deve ser minha esposa: peço-lhe isto, não para o meu prazer, mas para o serviço do meu Soberano (BRONTË, 2008, p. 252).

Jane se depara novamente com uma figura masculina que mexe com seus sentimentos de maneira distinta e a coloca em uma situação de dúvida em relação ao seu destino. Pois, segundo o que prega St. John, Jane deve abrir mão da sua vida e dedicá-la a fazer o bem aos demais, ou seja, decidir por uma vida de penitência.

Segundo GEASON (1997, p. 17), a protagonista rejeita a proposta de St. John porque, apesar de estar sobre a influência de suas pregações religiosas, ela ainda consegue distinguir amor verdadeiro de um simples pacto. Jane é muito jovem e bastante inexperiente, porém já teve contato com o amor verdadeiro e só não pôde mantê-lo, por motivos externos.

Ou seja, ela quer um amor físico e espiritual, um tipo de amor que St. John definitivamente não pode e não pretende oferecer.

St. John Rivers leva a religião e o intelectual ao extremo. Incentiva Jane a ler livros e a pintar, e tenta instigar o lado intelectual de Jane durante suas conversas noturnas. Mais tarde empurra Jane para o aprendizado da língua Hindu, porque conforme GEASON (1997, p. 17) *“It is St. John who pushed her intellectually – into studying “Hindoostani” for instance – and he invariably treats her as an intellectual, if not a spiritual, equal. Though he might not lust after her body, her mind intrigues him”*.

St. John é o oposto de Rochester. Enquanto o primeiro, apesar de dedicar sua vida à comunidade, é frio, duro e ambicioso. O segundo é totalmente passional. Jane experiencia esses dois tipos de relacionamentos, o passional e o racional e cabe somente a ela decidir qual caminho tomar.

Apesar do personagem St. John Rivers aparecer somente na última parte do romance, Brontë termina sua obra citando-o novamente este personagem. Esse é descrito como uma pessoa fria e ambiciosa e ao mesmo tempo como um herói conforme SPIVAK (1999, p. 112-148), o qual aceita *“o léxico ideológico da novela, que estabelece o heroísmo de St. John Rivers, igualando uma vida em Calcutá a uma escolha indiscutível da morte”*.

## 6. JANE E ELA MESMA

Jane Eyre é uma personagem redonda, pois começa de uma determinada forma e sofre diversas alterações durante o decorrer da obra. Durante suas provações sofre muito e aprende com esse sofrimento, adquirindo assim uma certa experiência, tornando-se uma pessoa diferente.

Jane é vista aos olhos alheios como frágil, sem graça e nada bela. Sua fragilidade se confirma externamente, porém não internamente, já que ela domina a situação e faz com que a maioria das pessoas com quem tem contato tornem-se dependentes dela, como é o caso de Rochester e de St. John Rivers. Em seu relacionamento com Rochester Jane decide a todo instante como será sua relação com ele. Notamos no decorrer do romance entre eles, que Jane decide que se casarão, depois decide que não se casarão naquelas condições e o abandona. Quando bem entende, retorna para ele, que ainda a está aguardando. O mesmo acontece com St. John Rivers. Jane o faz sentir-se dependente de seu trabalho e de sua companhia a ponto dele necessitar dela para seguir em sua missão. Mais tarde é ela quem decide que não irá acompanhá-lo.

Além dos conflitos externos, Jane também sofre um conflito interno, pois dentro dela existem duas Janes completamente diferentes. Primeiramente, existe a Jane fraca, que tende a ceder ao que lhe é imposto a todo momento e que aceita tudo com muita paciência como se realmente merecesse isso. Por outro lado, existe a Jane forte, que luta com todas as suas forças por seus ideais e seus princípios, rejeitando a todo tempo a vontade alheia e seguindo sempre seus desejos. Assim, Jane vive uma luta constante com ela mesma.

A respeito da questão da linguagem usada pela autora, pode-se notar com facilidade a repetição de certos termos durante toda a obra. Um exemplo disso é a palavra “fada”, repetida diversas vezes, tanto por Jane quanto por outros personagens. Jane usa esta palavra ao dizer: *“uma fada bondosa, em minha ausência, certamente jogara-me a sugestão necessária no travesseiro”*, ou seja, não era uma pessoa real, mas sim uma figura boa do além que, segundo ela, a tinha ajudado a achar uma solução para seu problema. Ela também refere-se à Georgiana, prima de Jane, ao dizer *“a menina esguia e parecendo uma fada, de onze anos”* além de repetir novamente este termo ao descrever uma sala de *Thornfield Hall* como *“um local de fadas, tão luminoso, a meus olhos de noviça, pareceu o ambiente além”*.

Rochester por sua vez usa diversas vezes esse mesmo termo “fada”, porém sempre se referindo a Jane. A primeira vez em que a vê a compara com uma fada, pois acredita que a mesma tenha enfeitiçado seu cavalo. Outro exemplo é quando diz a ela que *“já que é uma fada...não pode me dar um feitiço, um filtro, ou alguma coisa desse tipo, para tornar-me um homem bonito?”*. Mais adiante, Rochester torna a compará-la com uma fada ao dizer *“encherei de anéis esses dedos de fada”*. Outra cena bastante significativa a respeito do uso do termo “fada” é quando Jane e Rochester contam uma história, em forma de conto de fadas, à Adèle. História essa, em que Jane é colocada como uma fada novamente.

Assim, podemos entender que este termo é demasiadamente importante para formar a personalidade de Jane, porque, o significado desse termo, segundo o dicionário Aurélio é “ser imaginário representado numa mulher dotada de poder sobrenatural” ou “mulher notável pela graça, espírito, bondade e beleza”. Levando em consideração a figura de Jane, podemos descrevê-la com todos esses significados citados acima, exceto pelo quesito beleza. Dessa forma, podemos concluir que Jane, vista pelos olhos de Rochester, é considerada um ser irreal e com poderes sobrenaturais, além de ser uma pessoa cuja bondade é cativante. Essa facilidade em cativar as pessoas e torná-las dependente dela, mesmo não sendo nem bela nem rica é entendido por Rochester como um poder sobrenatural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto no decorrer deste breve estudo, as personagens femininas em *Jane Eyre* de Charlotte Brontë têm lugares variados dentro da sociedade em que a autora escreve.

Miss Temple, por sua vez, demonstra ser um modelo de mulher a ser seguido por suas pupilas, já que é independente e educada. No entanto, ao casar-se ela cede às regras impostas pela sociedade da época, sociedade esta em que o casamento estava em primeiro plano na vida das mulheres. Abandona seu emprego, deixando em Jane o sentimento de que nenhuma mulher foge ao seu destino.

Helen Burns e St. John Rivers são personagens bastante parecidos, haja visto que ambos introduzem o tema religião dentro do romance. Além disso, ambos têm um sentimento de penitência, acreditam que devem abdicar de suas vontades para viver uma vida voltada para Deus. A diferença entre os dois é apenas como cada um se porta perante os outros. Helen aceita tudo que lhe é imposto, já St. John se impõe aos demais.

Em relação aos personagens masculinos, Rochester, parece ser o homem idealizado pela sociedade, uma vez que inicia o romance sendo rude, poderoso, forte e com posses. Entretanto, no decorrer da história passa a ser um personagem dependente e sentimental. Dessa forma, ele é um personagem que sofre transformações durante a obra, tornando-se, no fim do romance, o oposto do que pregava a sociedade patriarcal da época para um homem.

Podemos concluir então que todos os personagens analisados contribuem para a formação da identidade da personagem principal, sendo modelos positivos ou negativos que norteiam o que ela deve ou não deve seguir. Além disso, nota-se uma crítica da autora para com a sociedade vitoriana e uma denúncia da situação da mulher dentro desta mesma sociedade.

Em pleno século XIX, Charlotte Brontë teve coragem suficiente para escrever sobre um assunto tão polêmico quanto este e pode-se dizer que com essa obra ela tentou fazer com que suas críticas fossem disseminadas pelos lares ingleses.

De certa forma, *Jane Eyre* foi um símbolo do feminismo durante gerações e possivelmente tenha incentivado mulheres de várias épocas e diferentes gerações a reivindicarem seus direitos perante a sociedade.

## REFERÊNCIAS

BARKER, Juliet. Charity Children. In: GEASON, Susan (Org.). *Regarding Jane Eyre*. New South Wales: Vintage, 1997.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Tradução de Waldemar Rodrigues de Oliveira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

CAREY, Gary (Org.). *Cliff Notes on Brontë's Jane Eyre*. Nebraska: Cliff Notes Inc, 1994.

COLLIN, F. In: NOGUEIRA, Conceição. *Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2001.

FELSKI, Rita. *Literature After Feminism*. 1 Ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

GEASON, Susan. *Regarding Jane Eyre*. New South Wales: Vintage, 1997.

GILBERT, Sandra & GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-century Literary Imagination*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1978.

GORDON, Lyndall. A Public Voice. In: GEASON, Susan (Org.). *Regarding Jane Eyre*. New South Wales: Vintage, 1997.

KAMITA, Rosana Cássia. *Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

LIMA, Danielle Dayse de. *Jane Eyre: drama e tragédia no romance de Charlotte Brontë*. UFPB, 2008. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/posletras/images/teses2008/Danielle.pdf>>. Acesso em jun. 29 de 2011.

MONTEIRO, Angélica; LEAL, Guaraciara B. *Mulher da luta e dos direitos*. Instituto Teotônio Vilela: Brasília, 1998.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Mariana Coelho: *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. 2 ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

NOGUEIRA, Conceição. *Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2001.

RAPHAEL, Beverly. Passion and Womanhood. In: GEASON, Susan (Org.). *Regarding Jane Eyre*. New South Wales: Vintage, 1997.

ROCHA, Patrícia Carvalho. *A Estética da Dissonância nas Obras de Charlotte Brontë*. UFMG, 2008. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP7FVFKH/1/p\\_a\\_tricia\\_rocha.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP7FVFKH/1/p_a_tricia_rocha.pdf)>. Acesso em jun. 28 de 2011.

SANTARRITA, Marcos. IN: BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1983.

SANTOS, Luísa Cristina dos. *Anita Philipovsky: a princesa dos campos*. Ponta Grossa: UEPG, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *A Critique of Post-Colonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*. Tradução de Plínio Dentzien. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

XAVIER, Elódia. *Tudo no Feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.